FERNANDES TÁVORA SEMEADOR DE IDÉIAS

Discurso do Sócio Efetivo José Parsifal Barroso na solenidade promovida pelo Instituto.

Difícil e desafiante tarefa, certo, a de escrever sobre mortos, quando nos são e estão muito próximos, como sinto ocorrer comigo neste solene instante em que o Instituto do Ceará celebra o centenário do nascimento do seu último Presidente de Honra, Fernandes Távora.

Como vivemos uma época em que os acontecimentos correm mais depressa do que os espíritos, talvez assista alguma razão aos franceses quando dizem no seu provérbio: "Les morts vont vite".

Parece-me que foi de ontem o desaparecimento corporal do nosso preclaro consócio Manuel do Nascimento Fernandes Távora, e por isso ainda consigo encontrar dentro em mim os ecos e as ressonâncias da oração fúnebre que pronunciei na Câmara dos Deputados, de improviso, em honra à sua memória.

Foi-me difícil, então, diante do vazio espaço de sua transcendência, recriá-lo com as tintas certas e exatas, que fizessem reviver um "facies" para sempre ausente, ao Plenário da Câmara.

É que os mortos, na Eternidade a que se integram, ficam sujeitos e entregues a nós, sem remissão, enquanto nós os recriamos, à imagem das nossas próprias limitações.

Daí promana a natureza dessa dificuldade com que me defronta, agora, nessa tentativa de mais uma recriação, em busca de alcançar e fixar a verdadeira essência desse "nom omnis moriar" que teima em sobreviver e ficar para sempre gravado nos registros da memória histórica, perenizando uma vida que não foi vivida em vão, e por isso conosco fica, vive, revive e transvive, numa seqüência de transfigurações inefáveis.

Cuido já haver sido validamente reconstituída a vida pública do nosso saudoso colega e insigne Presidente de Honra, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, por biógrafos do nível de Francisco Alves de Andrade e J. C. de Alencar Araripe, como também pelos oradores que exaltaram sua veneranda memória, no Congresso Nacional, quando de sua partida ao encontro do Pai, naquela vida que não tem fim, todos empenhados em reconstituí-la à justa, na moldura do seu tempo.

Ao comemorar nosso egrégio sodalício o primeiro centenário do seu nascimento, entendo que, tendo escrito muito pouco sobre sua longa vida de tantas riquezas e benemerências várias, Fernandes Távora não deixou indicações suficientes sobre o interior dos acontecimentos de que participou, ou acerca da psicologia dos homens públicos de sua larga convivência, levando qualquer biógrafo seu a se ater à forma exterior da História.

Não se poderia, sequer, em se tratando da comemoração do centenário do seu nascimento, inserir no contexto histórico de sua larga e longa vida pública, algo que escapasse a essa forma exterior da história de suas muitas vivências, pois soube receber e justificar a dádiva que Deus nos concede através da vida, conferindo sempre um alto e nobilitante sentido a sua profícua existência, mas acertadamente determinado a não se dar à primeira vista, e nem abrir-se a intimidades.

Quando o sei já integrado na História Política do Ceará, após haver ocupado seu lugar na vida com dignidade, com grandeza e versatilidade, entendo de bom aviso não querer exaltar sua memória por forma diversa daquela que nosso Presidente de Honra sempre preferiu, limitando-me a percorrer os caminhos que abriu, as idéias que lançou, as lutas travadas e os padrões estabelecidos ao longo de sua admirável vida, na tentativa de fixar a mensagem que nos teria deixado, a nós seus colegas da Casa do Barão de Studart, para que a seguíssemos, honrando e enaltecendo assim a sua memória.

Não há negar, realmente, haver Fernandes Távora engrandecido a sua profissão inicial de médico, agora sujeita a muitas degradações, e à sua vocação de político e homem público, agora submetida também a distorções várias, devendo ser por isso buscada sua mensagem nesse engrandecimento que ele soube conferir às duas profissões de sua vida, fixando-lhes padrões imutáveis de correção paradigmática, cuja validade permanece

atual, indispensável e irreversível, por mais adversos que sejam os condicionamentos culturais e éticos de nossa atual fase de transição, caracteristicamente anti-histórica e constitutivamente crítica.

Será que nós, seus colegas, amigos e admiradores, fomos ou ainda poderemos ser tocados pela força de sua vida, a fim de a vivermos dentro de nós, em honra à sua memória, como Fernandes Távora tanto desejara de todos nós, quando o alçamos ao supremo posto e à insigne honra de ser para sempre nosso Presidente de Honra?

Ao desaparecer nosso Mestre e Presidente Tomaz Pompeu Sobrinho, alguns amigos e discípulos do criador da **Antropologia Cearense** e do **Humanismo Telúrico,** tudo fizeram no sentido de ser garantida a vitalidade desse ideário salvífico para o Ceará, mas nada obtiveram de positivo, concreto e duradouro, malgrado tamanho esforço e pena de todos.

Agora que se defronta o Instituto do Ceará com essa nova e árdua responsabilidade, indago-me sobre se não virá ocorrer o mesmo vácuo, em relação ao ideário político do nosso inesquecível Presidente de Honra. Se sua natureza humanística e telúrica tem a mesma nascente e possui a mesma essência da doutrina do Sábio Mestre Pompeu Sobrinho, assaltado por esses temores, e verificando que a mudança sócio-política ora enfrentada tem um condicionamento inóspito a Humanismos, não demoro em concluir, preliminarmente, que se deve procurar outra forma e projeção "aere perennius" do admirável e ínclito homem público, cujo primeiro centenário de nascimento o Ceará comemora, tendo à frente o nosso Instituto, com sua primeira iniciativa, ora concretizada nesta magna e solene sessão.

Guardo comigo a certeza de que fui escolhido pelo Instituto do Ceará, como intérprete dos seus sentimentos, por existir um certo paralelismo no exame das nascentes das nossas vidas políticas, aceitas e iniciadas por nós dois, sem que as procurássemos ou quiséssemos, a modo de um ideal de vida, estando eu preso ao magistério e ele, à medicina.

Seu primeiro mandato de deputado estadual foi inconcluso, como o meu, perdido o dele em virtude da dissolução da Assembléia Legislativa, com a deposição do Presidente Marcos Franco Rabelo, e cassado o meu, por acolhimento de um recurso contra minha diplomação, pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Exercemos os dois, um segundo mandato de Deputado Estadual, por inteiro, ao fim do qual passou ele do Partido Democrata para o Partido Republicano, que fundara ao romper com o presidente Dr. João Thomé de Sabóia e Silva, enquanto eu me transferia do Partido Social Democrático para o Partido Trabalhista Brasileiro, pelo rompimento do grupo que me elegera e era comandado pelo grande político Deputado Francisco Monte, e não aceitara a diretriz política do ex-Governador Raul Barbosa.

Juntos fomos eleitos Senadores em 1954, terminando ele seu segundo mandato senatorial, quando findava também meu mandato de Governador do Ceará, e entregava eu o poder a seu filho, o nosso ilustre consócio Senador Virgílio Távora.

Reencontramo-nos, finalmente, na planície augusta desta veneranda Casa do Barão de Studart, irmanados pelo mesmo amor ao passado, para um entendimento melhor do nosso presente de desafios.

Considero-me assim em condições de poder fixar, por entre as muitas lutas e vivências da militância política de Fernandes Távora, o momento solar da semeadura a que se dedicou, fiel ao seu temperamento oposicionista, fundando o Partido Republicano Cearense, trincheira invencível e indormida de um vexilário convicto da justiça de sua causa pública, guarnecida e defendida pelos canhões que fazia troar através do seu intemerato jornal "A Tribuna", preludicando os refervos revolucionários da futura "Aliança Liberal", numa época em que as idéias e os ideais se irradiavam, Brasil a dentro, justificando o imperativo da Revolução de 1930, ainda em curso.

"A Tribuna" trazia em sua primeira página, como um símbolo de sua razão de ser, ao modo de um sinal bem vivo do seu ideário político, duas palavras latinas que soavam aos nossos ouvidos juvenis, acenando-nos com uma perspectiva de esperança: "Erit Libertas".

O artigo de fundo do primeiro número de "A Tribuna", intitulado "O que somos e a que vimos", vale por uma admirável plataforma política, em que o passado do "Centro Republicano", com seus princípios defendidos por Joaquim Catunda, Martinho Rodrigues, Cruz Saldanha e Rodrigues Júnior, se unia e casava com o presente de Júlio de Castilhos, Nilo Peçanha, Seabra e, logo com os revolucionários das colunas que se entranhavam e atravessavam por todo o interior brasileiro, pioneiros de uma integração nacional, que ora se consolida em função de Brasília.

"O Partido Republicano Cearense" e "A Tribuna" são as duas faces de uma mesma realidade sócio-política, que é o corajoso e oportuno rompimento de Fernandes Távora com o Governador João Thomé de Sabóia e Silva, gerador de um novo estilo de oposicionismo que visa a pugnar, em relação ao nosso Estado, a realização de um sonho quatro vezes secular, com pertinácia e esperança, e, a bem do Brasil, a árdua luta das aspirações nacionais para atingirmos as formas superiores de civilização.

Certo é que, nosso saudoso Presidente Fernandes Távora, sentia dentro em si a pesada herança dessas legítimas tradições cívicas e republicanas, mas nunca se arreceiou de batalhar pela redenção dos grandes males físicos e morais do nosso amado Ceará, conforme se deduz e infere da leitura da coleção de "A Tribuna", desde 1921 até 1923, por mim compulsada com sumo deleite para o meu espírito.

Nasce o histórico jornal às vésperas do pleito eleitoral de 20.2.1921, propagando as candidaturas de Belisário Távora e José de Borba Vasconcelos à Câmara dos Deputados, pelas cadeiras destinadas à minoria no 2o. e 1o. Distritos, respectivamente, quando o Ceará já era governado pelo extraordinário e notável cearense Justiniano de Serpa, a quem Fernandes Távora pede a liberdade dessa decisiva eleição, ao nível da que era garantida pelo seu antecessor João Thomé.

A título de curiosidade da nossa História Política, entre os moços do valor que a intelectualidade cearense ofereceu às aguerridas hostes do Partido Republicano Cearense, encontramos nas primeiras horas de arrumação das pedras dessa construção político-partidária, o vulto de Menezes Pimentel, que bem pouco demorou nessa trincheira oposicionista, conforme sua breve carta de desligamento dá a entender, publicada que foi no número 77 de "A Tribuna", de 10 de Abril de 1921.

A 28 de abril de 1921, o número 92 de "A Tribuna" é totalmente dedicado ao protesto contra o esbulho e a depuração do candidato Belisário Távora, preterido por Floro Bartolomeu, já rabelista por adesão ao Presidente Justiniano de Serpa, injustiça de que também foi vítima o candidato José de Borba Vasconcelos.

Vale a pena reproduzir o Manifesto Político do Partido Republicano Cearense, na sua parte essencial, publicado sob o título "Aos nossos concidadãos", na Tribuna de 11.5.1921.

O Ceará, terra sem ventura, na política como em tudo mais, já estava acostumado à postergação dos seus direitos, que sempre de um modo desabrido e franco, lhe foram negados, por não haverem sido deixados à minoria os lugares que lhe são garantidos pela Constituição.

O inverno de 1921, com suas águas diluvianas, leva o Rio Jaguaribe a invadir e inundar, assustadoramente, a cidade de Aracati, e a "Tribuna" está de pronto ao lado e a favor das vítimas desses transbordamentos de águas, que ainda hoje ocorrem até no projeto paradigmático de irrigação, em Morada Nova, por não se haver ultimado a construção dos açudes públicos que faltam nos sistemas de açudagem pública dos rios Jaguaribe e Acaraú.

Ainda se depara o leitor com a problemática da extorsão tributária, no magistral artigo de Fernandes Távora sob o título:

"A paranóia da nossa Economia Política: o Imposto".

A crítica ao primeiro aniversário do governo Serpa é um primor de síntese: "S. Exa. foi fadado a viver no manso lago dos congressos; não nasceu para enfrentar as ondas revoltas da administração".("A Tribuna"de 12.7.1921, no. 150).

Alvo predileto das críticas da "Tribuna" foi o chefe de polícia de então, Dr. Abílio Martins, motivadas inicialmente pela perseguição policial ao grande poeta Carlos Gondim.

Há uma réplica de Fernandes Távora, inserta no no. 168 da "Tribuna", que espelha em cada frase o estilo terso e elegante do nosso inesquecível Presidente de Honra: "O Ceará nos conhece, e, mercê de Deus, como homens honrados e altivos, que nunca se dobraram ao despotismo das conveniências".

Nem as admiráveis obras do governo Epitácio Pessoa em favor do nordeste, nas nascentes da vida desse gigante de hoje, que se chama DNOCS, foram isentas da crítica oposicionista, conforme se lê no seu magnífico artigo de 5.8.1921, publicado no no. 170 da "Tribuna", sob o título "Estradas de Rodagem", de que destaco o seguinte trecho: "Mas, os nossos engenheiros não gostam de trabalhar em Regiões que se distanciam

da estrada de ferro, motivo principal da construção de certos açudes, como Cedro e Pedras Brancas, em terrenos que são verdadeiras minas de sal".

Ressalto, como digno de nota, a utilização de neologismos populares, em certos artigos de exemplar estilo, como no seu artigo sobre a prestação de contas do governo Serpa.

Após asseverar que "ao Sr. Serpa não preocupam os encargos e os desastres de amanhã", rotula sua prestação de contas com essa inesperada palavra: "é uma baracafusagem".

Antológica por igual, cuido ser a notícia do falecimento de João Brígido, a 14.10.1921, cujo valor jornalístico está resumido numa frase: "Derribava govêrnos do fundo do seu gabinete".

A chegada do candidato oposicionista Nilo Peçanha, considerada por Fernandes Távora como o "limiar de uma nova era", leva-o a dar novo sentido ao lema do seu intrépido jornal, juntando ao "Erit Libertas" o "Si Vis Pacem, Para Libertatem".

O estado-maior do Partido Republicano Cearense se retrata na Comissão de Recepção a Nilo Peçanha: Fernandes Távora, Antônio Diogo, César Cals, Pery Cruz e Gomes Matos.

Concluo o agradável passeio pelas páginas da "Tribuna", no seu primeiro ano de vida, transcrevendo como exemplo de noticiarismo antológico, o que Fernandes Távora escreveu no dia da chegada do Senador João Thomé, à 4.11.1921:

"É esperado hoje à tarde, procedente do Rio, o Sr. João Thomé, senador pelo Ceará, em virtude da velha praxe política existente, de todo Governador ou Presidente de Estado, após sua administração, mesmo péssima, para o antiquado palácio do Conde dos Arcos.

Não foi assim o mérito, que o colocou ali. Boletins, notícias de jornais e convites pessoais, tudo tem sido empregado para que o seu desembarque não seja frio, como frio é o homem.

Dizem que é grande a bagagem do viajante não incluindo os dezenove volumes que já se acham na Alfândega, contendo a machina de fazer

chuva. É provável que S. Exa. traga, agora, a mensagem que deveria ter lido na Assembléia, quando terminava o seu quadriênio, bom no começo, sofrível no meio, desastrado no fim."("A Tribuna" no. 244, de 7.11.1921).

Anoto e assinalo, finalmente, que os candidatos Nilo Peçanha e J.J. Seabra, levaram sua mensagem ao interior cearense, através do Cariri, pela contigência rodoviária, somente superada a partir de 1930.

Como sempre fiz coro com os críticos literários, que jamais vacilaram em exaltar o raro quilate do valor intelectual de Fernandes Távora, situando-o como o mais puro estilista e o mais alto combatente, no jornalismo cearense, transcreverei agora dois textos de umas ríspidas polêmicas mantidas através da "Tribuna", como fecho antológico de cultura literária e do seu talento jornalístico.

A um grande jornalista, tão bravo e nobre quanto ele, e que o acusara de ingrato, replica em estilo forte e rijo, respondendo-lhe assim: "Ingrato não sou, e se algumas vezes tal pareço, é que nesse misérrimo pantanal da política, muitas verdades não podem vir à tona e devem ficar indefinidamente sepultadas na vala pútrida".

Aqui se tem e está o fio condutor que leva de logo o leitor ou aquele que conviveu com Fernandes Távora ao princípio de explicação do seu desinteresse ou alheamento à feitura de uma História Política do Ceará, porque suas verdades basilares não poderiam e nem deveriam constituir a tessitura histórica dos fatos realmente vividos.

Ao abrir o ano de 1923, o Diretor da "Tribuna" mantém a chama acesa de suas lutas desiguais e exasperantes, dirigindo-se aos seus leitores para o retomar da caminhada, com a seguinte exortação: "Combatemos o continuamos a combater, sem medir o tamanho e o poder dos adversários, que todos são pequenos, quando divorciados do bem e da verdade. Nossa função principal tem sido a crítica severa a quantos não nos parecem justos, amparando o direito dos pequeninos, pábulo dileto em que costumam cevar-se a ambição e a prepotência dos fortes". ("A Tribuna" de 1.1.1923, no. 583).

Ao falecer o Presidente Justiniano de Serpa, e antes de iniciar a campanha contra o seu sucessor, abre um hiato respeitoso ante o túmulo do seu adversário ilustre e insigne, traçando-lhe um exemplar epitáfio:

"Seu govêrno se não foi uma seara de frutos opimos para o povo, primou, todavia, pela tolerância e pelo amor à paz, consistindo nisso, seu máximo elogio." ("A Tribuna" de 1.8.1923).

Ao findar o ano de 1923, numa visão social do nosso pauperismo, assinala: "O Estado está rico, mas o povo continua na miséria". ("A Tribuna" de 29.12.1923).

Na celebração do centenário de nascimento de nosso Presidente de Honra, o ínclito e saudoso Manuel do Nascimento Fernandes Távora, são muitas vozes que prestam comovida reverência à sua memória ilustre e veneranda, conferindo-lhe a medida de sua grandeza, agora que seu alto espírito paira sobre nós, descativado da matéria.

Poderia ter-me desincumbido da missão que me outorgou o Instituto do Ceará, tomando como base e modelo deste discurso a própria oração fúnebre que lhe dediquei quando de sua morte, falando pela maioria da Câmara dos Deputados.

Preferi, todavia, fixar-lhe a essência do seu perfil histórico como homem público, no momento em que se fundem em sua pessoa, a um só tempo, o semeador de idéias, o jornalista exímio, o político fundador de um partido e de um jornal, que lhe serviram de seguros remos para navegar contra as correntes, em busca das fontes. Tê-las-á encontrado, enquanto remou contra as marés ou quando ancorou no único oásis de sua vida, pela mão forte do seu admirável filho, passando os últimos anos de sua militância político-partidária, no gasalhoso e inefável convívio do Senado Federal?

Há no homem, além do que constrói e do que exterioriza, a marca indelével de sua própria especificidade, que o identifica, individualiza e projeta, em sua verdadeira essência, e ainda lhe reveste e valoriza as ações que ficam, perenizando no sentido do "aere perennius" do imortal poeta, os frutos de sua exemplaridade, pensamentos e ações que lhe permitem encontrar na imortalidade da vida, pura, alta e vera com Deus Uno e Trino, um sentido e uma finalidade para o privilégio de ter nascido.

Como vivemos imersos numa civilização massiva, inumana e tumultuária, guardemos do nosso irmão Fernandes Távora, a serenidade de suas convicções de humanista telúrico e cristão, de nacionalista vigilante, de republicano e democrata que procurou sempre estar à altura da concreta

experiência histórica do nosso tempo de mudança, constitutivamente crítico, em que toda esperança colocada abaixo do Coração de Jesus Cristo está desiludida.

Abençoada seja, pois, abençoada para sempre, a memória do notável homem público, cujas virtudes cristãs e cívicas o fizeram atingir a esse apogeu que se comemora, já num sentido histórico, na celebração do centenário do seu nascimento; e, para sempre bendita, a terra que o viu nascer.